

HQ/LIVROS ARTIGO



Gibitecas brasileiras: Um espaço para sonhos

Gibitecas brasileiras: Um espaço para sonhos

WALDOMIRO
VERGUEIRO

05.01.2004

00H00

ATUALIZADA
EM

14.01.2017

14H01



A Gibiteca de Curitiba



Logo da Gibiteca Henfil

Infelizmente, tanto no Brasil como em muitos outros países, as histórias em quadrinhos foram, durante muito tempo, consideradas materiais de segunda ou terceira categoria por parcelas influentes da sociedade. Em geral, pais e educadores achavam que elas representavam uma ameaça ao desenvolvimento intelectual de seus filhos e alunos, colocando-as no ostracismo e considerando-as culpadas por boa parte dos males do mundo. Não é de surpreender, portanto, que estas tenham encontrado sempre enormes dificuldades para adentrar as portas das escolas de primeiro, segundo e terceiro graus, bem como das bibliotecas a elas ligadas.

No caso das universidades, a exclusão dos quadrinhos ocorreu em função de sua presumida falta de importância como objeto de estudo científico: raríssimos pesquisadores os viam como dignos de sua atenção, o que barrava sua entrada nas bibliotecas universitárias e de pesquisa. Por outro lado, no âmbito das instituições de informação dirigidas ao público em geral e naquelas que visavam apoiar o processo educativo básico e secundário – as bibliotecas públicas e as poucas bibliotecas escolares existentes no país – seu ingresso foi

Ao continuar navegando, declaro que estou ciente e concordo com a [Política de Privacidade](#) bem como manifesto o consentimento quanto ao fornecimento e tratamento dos dados para as finalidades ali constantes.

ACEITAR

No entanto, falar da oposição da sociedade não é o suficiente para explicar o afastamento das histórias em quadrinhos do acervo das bibliotecas brasileiras. É preciso também atentar que os responsáveis por essas instituições, que talvez pudessem ter exercido influência decisiva para reverter esse fato, também não estiveram neutros no processo. Algumas vezes de maneira deliberada e consciente, outras por simples inércia, os responsáveis pelas bibliotecas se recusaram a selecionar e disponibilizar os quadrinhos por entenderem que eles não se adequavam aos critérios de qualidade definidos para seus acervos. Ainda que esses profissionais não estivessem mal intencionados e que em sua defesa se possa afirmar que eles também eram tão influenciados pelas idéias dominantes na sociedade quanto às pessoas a que serviam, é possível pelo menos acusá-los de estar equivocados em suas premissas e de pouco terem se preocupado em contrastá-las com a realidade.

As resistências de educadores, pais e bibliotecários às histórias em quadrinhos e aos demais meios de comunicação de massa diminuíram à medida que a sociedade passou a ver todos esses meios com outros olhos. Entretanto, as barreiras contra elas, enquanto alternativas de leitura e informação diferentes do livro tradicional, não desapareceram de forma automática. Mesmo hoje, seria temeridade afirmar que as revistas e outras modalidades de histórias em quadrinhos já podem ser facilmente encontradas nas bibliotecas brasileiras. Infelizmente, aquelas instituições que as incorporam cotidianamente a seus acervos constituem muito mais a exceção do que a regra do cenário nacional. E, mesmo no caso dessas exceções, pode ainda acontecer que os quadrinhos recebam um “tratamento” diferenciado, discriminatório mesmo, em relação a outros materiais: não são incorporados de forma definitiva ao acervo, sendo vistos como material totalmente descartável; enfrentam total despreocupação com o estabelecimento de critérios objetivos para sua seleção, todos os produtos quadrinhísticos sendo encarados essencialmente iguais entre si; restrições financeiras para sua aquisição em base regular, não destinando qualquer verba para compra de revistas ou álbuns de quadrinhos e considerando-os como alternativa para o acervo apenas quando oferecidos em doação, sem ônus institucional direto (aplicando a eles a velha máxima: “de graça, até injeção na testa”...); destinação dos quadrinhos apenas para uso de categorias específicas de usuários, como crianças ou estudantes de primeiro e segundo grau; utilização das histórias em quadrinhos como chamariz para a leitura de livros, uma espécie de concessão dos profissionais do livro a uma leitura menos nobre. E essas são apenas algumas das desventuras que as histórias em quadrinhos podem eventualmente enfrentar...

Felizmente, essa situação vem aos poucos se modificando, tanto no Brasil como no exterior.

Modifica-se em ritmo mais lento que o desejado, é verdade. O número de bibliotecas que

Ao continuar navegando, declaro que estou ciente e concordo com a [Política de Privacidade](#) bem como manifesto o consentimento quanto ao fornecimento e tratamento dos dados para as finalidades ali constantes.

ACEITAR

Nos Estados Unidos, como lembra Randall W. Scott em seu livro *Comics librarianship: a handbook* (Jefferson : McFarland, 1990), várias bibliotecas universitárias possuem coleções especializadas de quadrinhos, entre as quais podem ser destacadas as das universidades de Ohio, Michigan, Bowling Green e Kent. Embora o Brasil tenha sido o primeiro país a introduzir uma disciplina específica sobre o tema em curso de graduação (na Universidade de Brasília, na década de 70) e a organizar um curso de especialização sobre esse assunto (na Universidade de São Paulo, já nos anos 90), ainda se conta nos dedos de uma única mão as universidades que os preservam em suas bibliotecas. Em São Paulo, o **Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP** ([conheça aqui](#)) tem hoje um acervo com quase seis mil revistas, destinado a dar suporte aos trabalhos de seus pesquisadores e alunos.

Entretanto, no âmbito das bibliotecas públicas, a situação já é um pouco diferente, tendendo favoravelmente para o lado brasileiro, principalmente com o advento e atuação das chamadas gibitecas.

Aparecimento, evolução e atuação das gibitecas no Brasil

De uma certa forma, pode-se dizer que bibliotecas especialmente dedicadas à coleta, armazenamento e disseminação de histórias em quadrinhos eram totalmente impensáveis até bem pouco tempo atrás. No Brasil, no entanto, essa idéia deixou o campo do absurdo e tornou-se uma realidade já no início da década de 80, quando uma instituição pública na capital do Estado do Paraná decidiu fundar a primeira biblioteca desse tipo, que batizou com o nome de **gibiteca**, com isso criando um neologismo derivado da forma como as revistas de histórias em quadrinhos são tradicional e carinhosamente referidas no país (gibis). Assim, com o surgimento da **Gibiteca de Curitiba**, cunhou-se o termo genérico para denominar qualquer biblioteca que coloque as histórias em quadrinhos como o centro de sua prática enquanto serviço de informação. O termo passou, a partir de então, a ser utilizado em todo o país.

Durante um bom tempo, a Gibiteca de Curitiba constituiu uma iniciativa isolada, fruto do interesse de um grupo de idealistas e amantes das histórias em quadrinhos. Rapidamente, ela se tornou o ponto central de uma intensa atividade, indo muito além de uma coleção especializada. Em torno dela foi - e continua a ser realizado - um crescente número de exposições, cursos sobre quadrinhos e como fazê-los profissionalmente, palestras e atividades das mais variadas que buscam dar às histórias em quadrinhos um *status* privilegiado dentre os diversos meios de comunicação de massa.

Ao continuar navegando, declaro que estou ciente e concordo com a [Política de Privacidade](#) bem como manifesto o consentimento quanto ao fornecimento e tratamento dos dados para as finalidades ali constantes.

ACEITAR



tendo sempre se interessado por essa questão. Algumas delas viriam, posteriormente, a criar gibitecas.

No entanto, a primeira gibiteca brasileira a surgir dentro de um serviço de biblioteca pública, a partir de iniciativa da própria administração governamental, foi a **Gibiteca Henfil**, órgão do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Secretaria de Cultura do município de São Paulo, inaugurada em 1991. Além de possuir um vasto acervo, essa Gibiteca foi sempre responsável por um dos maiores índices de frequência das bibliotecas públicas da cidade de São Paulo, buscando se colocar, também, como um grande centro de eventos relacionados com os quadrinhos, promovendo cursos, exposições, palestras, debates e lançamentos de novas obras e servindo como ponto de encontro para reuniões de leitores e de associações de quadrinhistas.

Ao se pensar na especificidade das Gibitecas brasileiras, é importante lembrar que elas não se contentaram em apenas armazenar revistas e álbuns, mas buscaram atuar intensamente na divulgação dos quadrinhos, transformando-se em verdadeiros centros de cultura e produção na área.

Você pode gostar

Links promovidos por taboola

Ruby Rose revela motivo que a fez sair do elenco de Batwoman



EMPRESAS
DA OMELETE COMPANY:

FILMES

OSCAR
BILHETERIAS USA
BILHETERIAS BRASIL
ESTREIAS DA SEMANA
CRÍTICAS
NOTÍCIAS

SÉRIES E TV

EMMY
CALENDÁRIO DE ESTREIAS
CALENDÁRIO 2018
CRÍTICAS
NOTÍCIAS

HQS E LIVROS

SAN DIEGO COMIC CON
CRÍTICAS
NOTÍCIAS

MÚSICA

CRÍTICAS
NOTÍCIAS



Ao continuar navegando, declaro que estou ciente e concordo com a [Política de Privacidade](#) bem como manifesto o consentimento quanto ao fornecimento e tratamento dos dados para as finalidades ali constantes.

ACEITAR